

Das ribeiras ao cais de Macapá: a cidade vista sob a trajetória de um migrante

Verônica Xavier Luna

Universidade Federal do Amapá (BRA)

Antonio George Lopes Paulino

Universidade Federal do Ceará (BRA)

Nos cais das ribeiras

O interesse por salvar algumas memórias sociais da cidade de Macapá proporcionou a aproximação a Benony Ferreira Lima: um morador com mais de 50 anos de residência nessa cidade, que fora funcionário público do Território Federal do Amapá. Tomada como um recorte extraído da tese de doutorado defendida por Verônica Xavier Luna em 2017, no Programa de Pós-

Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS-UFC), com o título *Um cais que abriga histórias de vida: homens e máquinas construindo o social na cidade de Macapá (1943-1970)*, a trajetória de Benony Ferreira Lima destaca-se por seu caráter emblemático, dentre todas as narrativas registradas durante a pesquisa. As vivências evocadas na memória desse migrante ilustram com muita propriedade os contornos do objeto de estudo trabalhado na tese: as relações e os conflitos sociais e políticos que tiveram lugar no processo de formação e gentrificação urbana de Macapá, considerando-se a temporalidade tratada no estudo que fundamenta este artigo.

Na circunstância do encontro com Benony, ele já era um senhor de oitenta e cinco anos, aposentado, muito lúcido, que falava bem e tinha um olhar alegre e simpático em suas conversas. Era nativo das ilhas do Pará, apesar de ser filho de nordestinos que se deslocaram para a região setentrional desse estado. Essa condição moveu imediata identificação da pesquisadora¹ com Benony, que foi convidado para falar sobre sua história de vida. Em nenhum momento a proposta lhe soou constrangedora e ele já iniciou falando de sua vida profissional e da família, mostrando fotos dos filhos fixadas na parede de sua casa. Após a escuta, combinou-se outro encontro para uma conversa mais demorada.

A história de vida de Benony Ferreira Lima entrecruza a vida social de Macapá quando esta ainda pertencia ao estado do Pará e depois de ter se tornado a capital do Território Federal do Amapá, com o desligamento dessa área setentrional do Pará para dar lugar à formação da unidade administrativa criada pelo Governo Federal em 1943². Filho de cearenses, Benony destaca como seus avós foram construindo suas vidas nessa área de floresta da

¹ A pesquisa foi realizada por Verônica Xavier Luna, tendo sido iniciada ainda antes do ingresso da pesquisadora no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, ocasião em que passou a ter orientação do Professor Antonio George Lopes Paulino, coautor deste artigo.

² O Território Federal do Amapá foi definido em plena Segunda Guerra Mundial. Visando a fatores estratégicos e de desenvolvimento econômico, a região foi desmembrada do estado do Pará pelo Decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, constituindo o TFA.

Amazônia, principalmente na sua parte setentrional localizada mais a leste, próximo à embocadura do rio Amazonas.

Nos fins do século XIX, ambas as famílias fugindo do flagelo das secas nordestinas migraram para o estado do Pará, meu pai e seus genitores, localizaram-se em Chaves-PA, Pracutuba [interior da cidade], meus avós maternos, no interior de Afuá onde ficaram até a morte. Meus avós paternos, ambos analfabetos, ficaram andando de um lugar para o outro, sem destino, já meus avós maternos, progrediram, ele [avô] chegou ao teto de Tenente Coronel da Guarda Nacional.³

Em seus relatos, destaca que a situação de pobreza de seu pai estava associada à decisão de seu avô, um migrante analfabeto, cearense, que para ganhar um pouco mais, estava sempre em deslocamento de uma cidade a outra, em busca do ‘ouro branco’ da Amazônia – o látex – e de sementes oleaginosas e couros de animais (onças, jacarés). Tal condição submeteu-o à lógica da expansão do capital comercial extrativista organizado para abastecer o mercado externo com os produtos naturais da região amazônica. Seu pai, segundo o interlocutor, seguiu o mesmo caminho, cumprindo o valor moral da época como filho obediente aos pais; tornou-se um trabalhador dependente do mercado extrativista, posteriormente do mercado da construção civil, como marceneiro. Diferente percurso traçou seu avô da parte materna. Este se fixou em terras do interior da ilha de Afuá⁴ e aos poucos se tornou um comerciante, pois “instalou um comércio de secos e molhados, fez roçados, comprou canoas de vela, transporte da época, edificou padaria. Chegou à posição de coronel da Guarda Nacional, proporcionando aos filhos vida confortável”.

Benony Ferreira Lima nasceu em 09 de fevereiro de 1927, em Aningal, interior do distrito de Afuá, onde residiu por cinco anos. Seu pai, sempre na esperança de melhores dias de vida, mudou-se com a família para o

³ Benony Ferreira Lima. Entrevista realizada na cidade de Macapá – AP, em 25 de dezembro de 2012. A referência dessa entrevista é a mesma para todos os trechos de fala de Benony que aparecem no corpo deste artigo a partir desta citação.

⁴ Afuá é um município do estado do Pará. Anteriormente tinha circunscrição jurídica atrelada à cidade de Macapá, razão da existência de vários documentos de registro de transferência de terras ou registro de vendas dessas em cartório de Macapá, especificamente no Cartório Jucá, fato constatado em pesquisa realizada de março a dezembro de 2013.

arquipélago do Bailique⁵ – especificamente para a Ilha do Marinheiro, próximo ao Oceano Atlântico –, no intuito de conseguir trabalho mais rentável. Do ponto de vista de Benony, ao evocar recordações de longos anos atrás, a Ilha lhe havia imposto uma jornada de sacrifícios: “Aquele lugar gostaria de não lembrar, foi ali que aconteceram as maiores tragédias de nossas vidas, com uma família de nove pessoas e meu pai vivendo de pequenos serviços”. A família de Benony passou a viver à semelhança de ribeirinhos⁶ – ou “povos das águas” –, dependente da natureza; enfoque que revela as facetas do migrante pobre ou de seus descendentes para sobreviver em lugares distantes de sua cultura nativa.

Era aí que eu com nove anos e meu irmão Samuel com sete anos e às vezes minha mãe, enfrentávamos os duros serviços do interior, para aliviar a barra de meu pai. Quando ele voltava do Oiapoque trazia dinheiro, pagava as contas e comprava roupa para todos, era assim que levávamos a vida.

A vida próximo aos rios ou a imensidão das terras de várzeas não parecia familiar às mulheres nordestinas, acostumadas a áreas secas livres para o movimento lúdico das crianças sem a preocupação do vigiar constante dos pais. Diante da nova realidade que tinham que incorporar, muitos pais perderam seus filhos nesse espaço das águas, que exige atenção persistente no deslocamento das crianças. Essas experiências nas comunidades das águas vão estar presentes nas recordações de tragédias do lugar, recortadas por Benony e descritas abaixo, além da morte de seu irmão, ainda criança, por ter comido açáí azedo.

No dia 8 de dezembro de 1936, morria por afogamento, minha irmã Maria Araújo Lima. Um detalhe, aquela garota jamais aceitou banhar-se de livre vontade, naquele dia ela pegou uma cuia e pediu a minha irmã Almerinda para tomar banho, foi até o igarapé que

⁵ O Arquipélago do Bailique, atualmente distrito de Macapá, é composto por oito ilhas (Bailique, Brigue, Curuá, Faustino, Franco, Igarapé do Meio, Marinheiro e Parazinho), onde reside cerca de 7 mil habitantes distribuídos em pouco mais de 40 comunidades.

⁶ Os ribeirinhos vivem em pequenas comunidades, em sua maioria à beira dos rios, dos igarapés, dos igapós e dos lagos que compõem o vasto e complexo estuário amazônico. Espacialmente, estão dispersos em vários agrupamentos de 20 a 40 casas de madeira construídas em palafitas, mais adequadas ao sistema de cheias dos rios que estão mais ou menos dispersas, chamadas de comunidades e localizadas próximo aos rios, igarapés, furos e lagos. Ver: Sandra Noda *et alii* (2001).

ficava atrás da casa, caiu n'água e morreu [...]. Treze meses depois meu irmão José Albemor de Araújo Lima, de três anos de idade, teve a mesma sorte [...]. Com a morte daquele garoto, o mais loirinho dos irmãos, a mãe quase vai à loucura, em outras oportunidades eu e minha irmã Ozelinda, quase tivemos o mesmo destino.

Esse modo de pensar a vida ribeirinha de Benony Ferreira Lima retrata a indignação de sua mãe por essa forma de viver nas ribeiras da Amazônia, que não lhe agradava. Fora criada por pais nordestinos de poder simbólico adquirido pelas conquistas que seu pai obteve – homem que se deu bem ao chegar às terras do norte do Pará –, condição que lhe possibilitou ser uma mulher escolarizada, motivo pelo qual sonhava em garantir esse direito aos seus filhos e desejava a mudança daquela situação para seus descendentes. Esse desejo de melhoria social da progenitora de Benony Ferreira vai contribuir para uma mudança na sua trajetória de morador das ribeiras para se lançar ao desejo de morador da cidade e de tornar-se um homem estudado.

A família de Benony Lima ao instalar-se no interior do distrito de Afuá, vai encontrar melhores condições. Francisca Maria de Araújo, mãe do interlocutor aqui estudado, morando distante do povoado do Afuá, realizou negociação com um comerciante de secos e molhados do lugar, na qual ficou estabelecido entre as partes que seu filho ajudaria no balcão do armazém do negociante e este garantiria comida e escola para o menino de 13 anos. Essa astúcia foi o meio encontrado por Francisca para garantir a alfabetização de seu filho, aspiração da genitora que, de forma gradativa, foi criando diante das adversidades as possibilidades para realizar o desejo de garantir escolaridade para seus filhos.⁷ Sua atitude evoca a assertiva de Michel de Certeau, o qual infere que a tática é a arte do fraco, que “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 2012, pp. 94-95).

⁷ Francisca já havia enviado suas filhas Almerinda e Ozelinda para a casa de um tio de boa condição financeira, que morava em Belém do Pará. As moças foram para ajudar a cuidar dos primos pequenos. Em troca, o tio lhes assegurava a oportunidade de estudo.

Posteriormente, à contramão dos interesses da esposa, o pai de Benony o levou juntamente com seu irmão Samuel para o cotidiano do trabalho extrativista e da matança de jacarés para exportação do couro, atividade predatória estimulada por grandes comerciantes que, como destaca Violeta Refkalefsky Loureiro (2002, p.112), tinham “a natureza amazônica como resistente, superabundante, auto recuperável e inesgotável”; e tinham em vista apenas o lucro, sem nenhuma preocupação com a preservação do ambiente, à semelhança dos interesses atuais focados na abertura das regiões de florestas ao capital, como possibilidade de crescimento e desenvolvimento econômico. O interlocutor menciona que vivenciou a condição de trabalhador extrativista aos 15 anos e seu irmão com 13, ao lado de seu pai.

Em 1941 meu pai construiu um grande reboque e foi para a ilha de Mexiana, município de Chaves, com o objetivo de abater jacarés, os donos da ilha ficavam com o couro e a banha, e nós ficávamos com a carne [...]. Este trabalho rendeu bastante, abatemos muitos jacarés. Todavia era difícil colocar o produto [carne de jacaré] no mercado, precisava ter habilidade comercial e o meu pai não nasceu para o comércio, por conseguinte só melhorou a vida quando passou a trabalhar como empregado, em 1945, na cidade de Macapá.

Aos 18 anos, Benony ainda estava na ilha de Mexiana⁸. Seu pai envolveu-se com o trabalho extrativista do látex o qual, segundo o entrevistado, “era a atividade monetária básica da época e do lugar que no momento era proveitosa”. A procura comercial da borracha para atender a necessidades externas, especificamente norte-americanas na segunda Guerra Mundial (1940-1945), elevou o preço da borracha não igualmente ao auge de seus gloriosos tempos (1879-1912), mas atraiu novamente os homens ribeirinhos a envolverem-se com o extrativismo comercial para complementar suas necessidades básicas. O pai de Benony, visando ampliar a renda familiar, desvincula as atividades dos filhos, antes de coadjuvantes na atividade e extração do látex, para então dar-lhes autonomia. Não satisfeito com o trabalho de seringueiro, Benony via-o como uma atividade de muito sacrifício humano,

⁸ Ilha situada próximo à cidade de Macapá, pertencente ao arquipélago do Marajó – Pará.

razão que o levou após seu deslocamento para a cidade, a recusar oferta de trabalho que envolvesse água, dadas as experiências vividas em meio às águas na floresta, como assim expôs.

Aluguei duas estradas de seringueiras no rio Doraol, o lugar era alagado e muito difícil. Cinco da manhã depois de remar meia hora, chegava à estrada e começava a riscar as seringueiras. Lá pelas 13 horas, voltava ao balde de cuia, cheio de leite. Como o lugar era alagado como já falei, a água atingia o pescoço, passando por perto de cobras venenosas que quando picavam a vítima, se não matasse ficava aleijada. Peguei a canoa e parti para a defumação do leite para transformá-lo em borracha.

Essa foi uma das últimas jornadas de Benony como trabalhador extrativista. Nas viagens a trabalho pelas ilhas de Breves e Mexiana, da região norte do Pará, o jovem foi sondando outras imagens em sua mente que pareciam para ele mais assertivas. Eram as cenas de outro tecido social, de comerciantes, políticos, funcionários, outras escalas sociais que chegavam pelos cais das ilhas a serviço delas. Em seu olhar: “eram doutores vindo de Belém”. Nascia um desejo, uma atração de Benony por residir em Belém, capital do Pará. Percebe-se aqui o poder simbólico da urbanidade difundindo-se e produzindo outros desejos, que não eram os mesmos do campo. Considerando-se a proposição de Rogério Proença Leite, importa destacar que “os lugares não são necessariamente nichos inalteráveis e fixos em uma tradição perene”, podendo apresentar “configurações flexíveis” (1999, p. 286).

A ruptura com a atividade das ribeiras estava selada. Benony decidiu migrar para Belém, capital do Pará. Esse movimento realizado pelo interlocutor pode ser pensado aqui à luz de Becker (1997, p. 323), que entende migração como um “mecanismo de deslocamento populacional que reflete mudanças nas relações entre as pessoas e entre essas e o seu ambiente físico”. Fica explícito nesta citação que o autor define migração como fenômeno que se materializa pela mobilidade de populações. Neste sentido, a trajetória de Benony é tomada aqui como caso ilustrativo de uma situação vivenciada por diversos ribeirinhos no contexto histórico aqui evocado, aportando sujeitos ao processo de formação do urbano em Macapá.

Tal fato atesta que a leitura histórica de um referente biográfico não se configura como ênfase no sujeito em si, mas nos elementos que permeiam a relação entre subjetividades e uma dada estrutura, num esforço para transpor a dicotomia indivíduo-sociedade, haja vista que, como sinaliza Suely Kofes (2015, p. 23), discorrer sobre uma experiência não se reduz a uma “escrita sobre um indivíduo”. Nesse entendimento, cabe ressaltar que o trabalho realizado sobre a escuta de uma narrativa deve estar atento à premissa de que a experiência vivenciada e a estrutura não se opõem; se entrecruzam, de modo que o material biográfico pode pôr em evidência traços da estrutura social que o abriga.⁹

Retomando-se a narrativa, note-se que Benony decidiu viajar para a cidade grande, Belém do Pará, em 1945, onde já residiam suas irmãs e seu irmão mais novo; as moças foram para cuidar de seus primos crianças e o segundo para trabalhar no comércio. Ao chegar a Belém, não conseguiu emprego e passou a enfrentar as dificuldades do homem que migra do interior para a cidade, sem profissão e sem estudo. Benony era mais um sujeito do campo atraído pela órbita da cidade, a engrossar o caldo humano da diversidade sociocultural que Belém do Pará já concentrava. Assim compreende Wirth ao tratar sobre o estudo da cidade:

A influência que a cidade exerce na vida social do homem é superior ao que a parcela urbana da população faria julgar, pois a cidade não é apenas, cada vez mais o lugar de habitação e de trabalho do homem moderno, mas também o centro que põe em marcha e controla a vida econômica e política e cultural, que atraiu à sua órbita as mais remotas regiões do globo, configurando um universo articulado de uma enorme variedade de áreas, povos e atividades (WIRTH, 1987, p. 45).

Benony mencionou ter ficado decepcionado em Belém: “no início não consegui emprego, inclusive fui até a Base Aérea Val de Cans, pois se estava em plena segunda Guerra Mundial”; nada conseguiu. Passou a ajudar seu irmão a entregar pão e ainda assim conseguiu com muito esforço estudar, mesmo não

⁹ A discussão sobre a relação indivíduo-sociedade no estudo de biografias pode ser aprofundada com as contribuições de Pierre Bourdieu (1996).

podendo se matricular, visto que as escolas estaduais haviam encerrado as matrículas. Sua irmã o financiou com o pouco ganho que recebia e o matriculou em um colégio pago. Posteriormente, conseguiu emprego de marceneiro, profissão que aprendeu com o pai. Passou então a alugar um quarto, com condição mais digna de moradia, pois, segundo o narrador, “pelo menos não tinha mosquitos”. Isso significava livrar-se da malária. Não demorou muito, perdeu o emprego.

Na cidade de Macapá: um cais para idas e vindas

Nesse ínterim, seu pai Francisco viajara para trabalhar em Macapá. Essa área geográfica havia conquistado sua autonomia política em relação ao estado do Pará, recebendo a denominação de Território Federal do Amapá – TFA. A cidade de Macapá, por ser de melhor condição portuária, assumia a posição de capital do TFA. Seu governador, Janary Gentil Nunes, havia posto em execução um processo de modernização da cidade; o que pode ser compreendido aqui como uma política de gentrificação¹⁰ empreendida em áreas estratégicas, de interesse para as elites vinculadas à administração do TFA. Assim, o objetivo era retirar da área central os moradores afro-macapenses que lá viviam havia mais de 50 anos, para instalar moradores de classe média e alta, os funcionários de médio e alto escalão do poder administrativo.

A emergência de novas questões na década de 1940, como a de salvamento da fronteira setentrional do Brasil, levou à criação do TFA e à política de integração dessa área fronteira à economia nacional, por meio de projetos de ocupação humana. Instala-se na cidade de Macapá a ruptura entre o caráter econômico tradicional e o ideal de cidade moderna que, concomitantemente, estará atrelado ao discurso do velho e arcaico como forma

¹⁰ O termo gentrificação (enobrecimento) segue aqui o mesmo sentido dado pelos autores Leite (2002a; 2002b), Harvey (1992) e Smith (1996), que o utilizam para designar intervenções urbanas como empreendimentos que elegem certos espaços da cidade considerados por sua centralidade e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados, cujas mudanças nos significados de uma localidade histórica fazem do patrimônio um segmento do mercado, normalmente deslocando desses espaços muitas vezes deteriorados em suas condições materiais, populares que neles habitavam.

de negar o passado e invocar novos instrumentos de intervenção social. O viver produzido pelos afro-macapaenses não materializava as condições urbanas que o governador desejava para servir a sua família e aos funcionários que pretendia trazer para a desenvoltura do seu governo e a administração do Território.

Na criação e organização das instituições que iriam gerenciar os projetos econômicos para a Amazônia, encontra-se mais um membro da família Nunes, atuando como mediador de projetos econômicos para o TFA, bem como para toda a Região Norte. Trata-se de Coaracy Gentil Monteiro Nunes, irmão do governador Janary Nunes, segundo filho de Joaquim Ascendino Monteiro Nunes, que no seu tempo de jovem foi enviado para frequentar o ensino secundário no Colégio Marista, em Belém do Pará. Em seguida, ainda na capital, ingressou no curso de Direito, concluído em Recife. Janary Nunes, ao ser indicado para administrar o TFA, cuidou de trazê-lo para seu lado e convidou-o a assumir o cargo de representante do governo, no Rio de Janeiro.

No então Distrito Federal, Coaracy montou seu escritório; espaço político que viria a ser a representação do território do Amapá na capital federal. Tal contexto foi positivo para o crescimento de Coaracy Nunes na carreira política, pois em 1946 foi eleito deputado federal pelo Amapá, reelegendo-se em 1950 e em 1954, sempre pela legenda do Partido Social Democrático – PSD, que também era integrado por seu irmão Janary. De espírito político mediador e com acesso às repartições públicas federais, o deputado Coaracy tornou-se o suporte político financeiro das políticas públicas de saúde e educação realizadas por seu irmão no TFA (BARBOSA, 1997).

No contexto de seus mandatos parlamentares, o deputado Coaracy se empenhou em abrir as portas dos órgãos públicos, principalmente do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores, aos quais os Territórios Federais eram subordinados. As verbas conquistadas na esfera federal por Coaracy permitiram ao governador do TFA, seu irmão, executar os serviços

públicos de requalificação e higienização da capital do Território nas áreas de saúde, educação, transporte, energia elétrica e saneamento, bem como dinamizar a economia dos municípios interioranos (*Idem*).

A cidade de Macapá foi vista por seu gestor como um lugar precário: anti-higiênico, insalubre, onde as casas eram feitas de taipa, cobertas de palha e não tinham sistema de privadas, ou quando as apresentavam, não eram devidamente fechadas. No recenseamento sanitário feito pela equipe governamental, os registros documentais foram enfáticos:

Em Macapá, capital do Território, nenhuma casa possuía instalação sanitária higiênica, dispo de fossas biológicas, conforme recenseamento procedido. Com exceção das construções dos norte-americanos da Painar, do exército brasileiro, e de uma casa particular no Oiapoque, nenhuma residência do Território poderia ser escolhida para habitação de famílias acostumadas a relativo conforto (NUNES, 1946, p. 5).

Quanto às casas que comportavam mais de uma família, tal situação era vista pela administração como prática de conduta imoral e de promiscuidade. O tipo de acomodação era visto pelas elites como expressão de falta de pudor. Na descrição do relatório do governador, as casas enfeavam a cidade, principalmente as que ficavam na entrada de acesso à parte mais alta, espaço físico considerado o centro urbano do município. Lá estavam dezenas de casas, construídas de forma aleatória, sem nenhum projeto, de madeira e escurecidas pelo tempo, descolorindo o centro da cidade aos olhos do gestor público Janary e de sua equipe. Para ele, “tudo estava por fazer”, portanto, sua gestão seria um ato de “bandeirantismo na Amazônia”, como comparou o engenheiro Coronel Bernadino C. de Mattos Neto, quando de sua visita a Macapá (MATTOS NETO, 2012, p. 61).

Na verdade, a intenção de empreender um processo de higienização social em Macapá encontra antecedentes históricos. Dada sua localização em região de fronteiras, em sua formação o lugar atraiu diversos estrangeiros, com suas visões e ideais concernentes à vida na cidade. Dentre esses, aporta na região em 1913 o Padre Júlio Maria de Lombaerde, de origem belga e

naturalizado francês, que prestou inúmeros serviços sociais à população, mas não sem querer impor uma moral disciplinar que, dentre outras investidas, agiu de modo etnocêntrico com o objetivo malgrado de persuadir os afro-amapaenses praticantes da dança ritual do Marabaixo¹¹ a deixarem de lado suas tradições (BARBOSA, 1998; MIRANDA, 1957; LUNA, 2017). Entende-se, portanto, que já havia um caminho aberto para uma moralização fincada na ideologia do progresso, quando Janary inicia a reestruturação urbana de Macapá para trazer ao lugar que então se tornara a capital do TFA a face de uma cidade moderna, conforme o padrão da época.

Toda a descrição da cidade no relatório governamental encomendado por Janary apontava para um único objetivo: imprimir uma situação de miséria e ignorância que deveria ser revertida. Nenhum registro foi feito sobre o modo de viver da sociedade local, nem mesmo dos mais abastados, muito menos da comunidade afro-macapaense: suas festas e as caminhadas ao ‘Poço do Mato’ por mulheres, jovens e crianças para buscar água de beber, ou mesmo ao ‘Igarapé das Mulheres’, rio onde elas lavavam suas roupas e as de seus patrões. Lugar onde elas criavam espaços de sociabilidade, de troca de conversa, dos ditos fuxicos¹², lamentos e risos. Rio no qual as crianças brincavam, tomavam banho, enquanto suas mães ou irmãs lavavam roupas. Para o governador, essas práticas também ensejavam mudança de hábitos. Realmente mudaram, ficando apenas na lembrança, na memória dos filhos que tiveram presença ativa naquele lugar.

¹¹ O Marabaixo é um ritual afro-amapaense híbrido, de continuidade de valores africanos recriados e presentes nas festas católicas das comunidades negras da cidade de Macapá, bem como do interior do Amapá. A festa acontece no ritmo de tambores ou de caixas, instrumentos de percussão construídos com madeira e pele de animais. As mulheres dançam de forma vigorosa, com suas saias de cores vivas, no compasso forte e intenso dos batuques. Durante o ritual são servidas bebidas, sendo mais típica a gengibirra. Segundo Tia Chiquinha, como é conhecida no cotidiano da comunidade do Curiaú, “o Batuque é bandaia, pode dançar sorrindo, com alegria, enquanto que o Marabaixo é lamento com o arrastar dos pés no chão lembrando os escravos acorrentados”. Registro feito pela pesquisadora em visita ao Curiaú.

¹² Leonel Nascimento, um dos interlocutores da pesquisa, narra que os três lugares conhecidos pela presença do hábito da fofoca eram o Poço do Mato, o Igarapé das Mulheres – local onde ocorria a lavagem de roupa pelas mulheres de menor poder aquisitivo, inclusive das lavadeiras profissionais – e o bairro do Trem. Nesses lugares se ouviam e trocavam boatos e informações, daí espalhados por toda a cidade.

Era a hora de o ‘príncipe’ maquiarse a ‘menina feia do mato’ e transformá-la em uma cidade importante, como desejava o Comandante Janary. A cidade das vivências dos afro-amapaenses, vista como uma menina “tão pequena, tão franzina, doentia, retraída, e que vivia esquecida... Muito pálida e quieta... quase analfabeta...”, foi transferida para os arredores por Janary Nunes, sem dispor de nenhuma mudança na ampliação de sua cidadania (MONT’ALVERNE, 1986, p. 13). Era a vez de a ‘cidade cinderela’ assumir o trono. Pautado na convicção militar de ‘salvar a nação’, o governador Janary revestiu de uma nova plasticidade a área urbana de Macapá, dando-lhe nova roupagem para recebê-lo, bem como aos funcionários de alto escalão que viriam para compor o quadro de pessoal da administração territorial (NUNES, 2012).

No lugar onde moravam os afrodescendentes, foram construídos prédios públicos horizontalizados e a residência governamental. O projeto de transferência dos nativos de descendência afro-indígena se deu muito mais na condição de desalojamento dessa população – que vivia em terrenos grandes e era apegada sentimentalmente ao espaço onde estava há mais de meio século – do que propriamente de mudança. Observa-se nessa estratégia um desvio do discurso do governo Janary, que destacava a intenção de promover o “bem estar de todos os indivíduos, de todos os lares” (NUNES, 2012, p. 23).

As transformações então iniciadas na cidade de Macapá sinalizavam que a construção da cidadania era uma possibilidade com limites, cabendo só aos funcionários públicos que vieram compor o quadro de servidores para as instituições criadas, sem nenhuma probabilidade de se estender à população. As construções de casas planejadas, edificadas em alvenaria e cobertas de telhas ficaram totalmente ausentes no lugar para onde foram levadas as famílias que a administração deslocou.

A transferência dos homens e mulheres negros caracterizou-se por total ausência de um planejamento prévio para o deslocamento desses atores sociais, no que se refere à construção de casas, serviços de água potável, luz e

saneamento. Apenas foi oferecido um terreno, batizado de ‘Laguinho’, o qual recebeu serviços de terraplenagem e foi entregue como o novo lugar para os afro-macapenses. Alguns receberam madeira para a construção de suas casas, outros não. A decisão administrativa de remover essa população do espaço urbano da cidade desencadeou divergência interna entre os que estavam de acordo com a ordem do governador Janary e os contra, os que defendiam permanecer. Essa cisão ocorrida no seio do Marabaixo revelou uma contradição que culminou com a divisão do ritual tradicional em dois: o do Laguinho (Divino Espírito Santo) e o da Favela (Santíssima Trindade).

A ruptura conduziu os que se resignaram com a decisão governamental a tomarem outro rumo, independentemente da escolha do líder Julião Ramos. A opção desse grupo foi ocupar um espaço que, à época, ficava muito distante do centro urbano de Macapá, pois eles não desejavam ver nem de longe aquele administrador que a cidade recebia. Esse lugar possuía uma mata que o separava da cidade e passou a ser denominado de Favela, pela presença de vegetação homônima em seu entorno. As residências foram sendo erguidas por conta dos moradores, todavia as famílias investiam em suas casas pouco a pouco, por partes, de forma a se alojarem do melhor modo possível.

Essa área sofreu aumento populacional, principalmente com a chegada de migrantes ribeirinhos que se juntaram à comunidade da Favela fazendo crescer o lugar, que posteriormente recebeu o nome de Bairro Santa Rita. E atraiu ribeirinhos que migravam das localidades interioranas do TFA ou das cidades paraenses vizinhas a Macapá. Todos chegavam à busca de melhores condições de vida, sonho que os levava a arriscar tudo pensando na sorte. Esses migrantes, ao aportarem a Macapá, procuravam alojar-se inicialmente em um barracão construído pelo governo para receber temporariamente trabalhadores que chegavam. Quando esses trabalhadores conseguiam um pouco de dinheiro ou quando já possuíam uma reserva, compravam um terreno; do contrário, ocupavam terrenos urbanos devolutos, como as terras da Favela, lugar de todos, e ali construíam moradia e traziam também a família.

Os dois bairros aqui mencionados, Laguinho e Favela, cresceram mesclados pela presença de diversidades étnicas de uma mesma condição social. Entretanto, com o decorrer do tempo, muitos desses moradores conseguiram condições para galgar o direito à cidadania, aplicando seus esforços em conhecimento (educação) e no comércio. Todavia, ambas as localidades vão guardar esse ritual do Marabaixo, um marco da cultura urbana de Macapá, através de famílias afro-amapaenses dos bairros em enfoque. Após a década de 1970 é que esses bairros vieram a sofrer intervenção dos poderes públicos com serviços coletivos urbanos de infraestrutura – água, luz, saneamento básico (MARTINS, 2012).

O interesse do governador Janary por uma cidade moderna levou-o ao desejo de fazê-la tão visível quanto as capitais modernizadas do Sudeste brasileiro, ideal que se transformou na ‘mística do Amapá’. No esteio desse ideal, caberia cumprir o compromisso de garantir as condições sociais e assegurar a permanência de migrantes graduados, acostumados a outro padrão de urbanidade e de serviços, na nova capital que se erguia. Portanto, a implantação dessa infraestrutura foi um dos meios para recebê-los e fixá-los.

As experiências acumuladas por Janary Nunes e cultivadas ao longo de sua vida nos centros urbanos mais desenvolvidos do país, e com proximidade direta com os padrões da elite do Sul e Sudeste, conduziram-no a alimentar o desejo de levar para o Território Federal do Amapá as experiências de progresso de acordo com as normalidades das regiões economicamente mais ricas do Brasil. Projeto audacioso, considerando-se que as diversidades regionais não permitem o uso de fórmula; são resultado da dinâmica humana e social interna, e do modo como seus sujeitos sociais interagem diante das intervenções humanas ou técnicas e das conexões que estas venham a estabelecer.

Para tanto, contou com o apoio de vários membros da família, como o já citado irmão Coaracy. Na aplicabilidade do projeto de enobrecimento do espaço urbano de Macapá, o governador Janary convidou pessoas qualificadas

profissionalmente. Adotando o princípio de escolha, convocou engenheiros, juristas, médicos, professores e técnicos administrativos para fazer parte de seu quadro de funcionários. Foram eles os primeiros migrantes a chegarem à cidade. Parte deles veio de Belém, capital do Pará, outros de cidades do interior do Pará, que, com esforço, iam estudar na capital. Outros estados da Federação, como Minas Gerais, Bahia e Ceará forneceram migrantes para ocuparem os quadros do alto escalão governamental, funcionários que deveriam viabilizar as atividades dos órgãos públicos que iam sendo instituídos.

O espaço físico da cidade de Macapá se modernizava. As casas de taipa, cobertas de palha, foram desaparecendo; as sociabilidades produzidas entre a população dos afrodescendentes, afro-indígenas e a elite local foram se distanciando. A remoção daqueles para os arrabaldes da cidade intensificou a divisão social hierarquizada entre os moradores sociais de baixo poder aquisitivo e os de melhores posses. E à medida que as edificações públicas entravam em funcionamento, mais migrantes iam chegando, como professores para o Ensino Médio – à época, Ensino de Segundo Grau –, para a escola de música e técnicos para os serviços administrativos. Os que tinham o primário ou o ginásio logo conseguiam emprego, bastava recorrerem ao governador. Na área de saúde, a necessidade de enfermeiras qualificadas atraiu também migrantes para Macapá.

A oportunidade de trabalho e o desejo por melhores condições sociais foram razões imediatas que levaram trabalhadores a se tornarem moradores da cidade de Macapá. Dessa forma, uma diversidade de profissionais foi se estabelecendo na cidade e participando politicamente de sua vida, congregando experiências distintas que iam se movendo e se acomodando enquanto multiplicidade urbana. Nesse momento, a cidade pacata incorporava, através de seu cais, novos e múltiplos valores que ela haveria de guisá-los sem poder se desfazer do que acolheu como produto para se tornar mais moderna.

O entrecruzamento das experiências coletivas solidificava-se a partir da mistura dos vários saberes naquele lugar instalados. É nesse contexto da

gestão do governador Janary Nunes que se apresenta a experiência de Benony Ferreira Lima. Sua trajetória encontra-se, como fica aqui demonstrado, entrelaçada ao imã que se tornou a cidade de Macapá quando passou a sofrer as intervenções na sua forma urbana.

Analisando-se esse processo histórico situado na Macapá dos anos 1940 à luz das proposições de Michel de Certeau; Luce Giard e Pierre Mayol (1996, p. 165), pode-se inferir que essa intervenção no urbano tinha a função de “curetagem social”; assim, tal empreendimento urbanístico acabava por reabilitar o patrimônio, porém de um modo que “subtrai a usuários o que apresenta a observadores”.

Esta discussão encontra-se, portanto, afinada com o tema da gentrificação ou enobrecimento do espaço urbano. Debruçando-se sobre este tema, Rogério Proença Leite (2002) entende a gentrificação em áreas urbanas como investimento comumente praticado por governos, materializado em processos de higienização que desalojam ou deslocam grupos ou populações específicas. Tais grupos imprimem seus usos e contra-usos em espaços públicos das cidades os quais, empobrecidos e deteriorados pela ausência de infraestrutura e acesso aos direitos de cidadania, num dado momento passam, todavia, a interessar ao poder público. A especulação imobiliária é mobilizada para dar aos mesmos outros interesses, normalmente com finalidade econômica focada no turismo, excluindo do seu entorno os moradores que de lá são retirados, configurando, assim, o chamado enobrecimento do patrimônio urbanístico e arquitetônico. Embora se contextualize num debate mais recente, compreende-se que o conceito de gentrificação traz aqui um aporte fértil para se problematizar o processo histórico ocorrido em Macapá a partir dos anos 1940, que é parte do material analítico do presente artigo.

Como já se enfatizou, nas circunstâncias em que tal processo ocorreu, a cidade de Macapá converteu-se em um espaço moderno. Para tanto, exigia várias modalidades de trabalhadores, desde engenheiros à escala do trabalhador braçal. Francisco Lima, pai de Benony, sabendo que seu filho havia perdido o

emprego em Belém, manda ordens de que vá para Macapá, pois havia assegurado um emprego para ele.

Nesse ponto em que se encontra a trajetória narrada por Benony, é possível alargar esse tecido analítico em conexão com a Antropologia Urbana. E aqui, as assertivas de Ana Luiza C. da Rocha e Cornelia Eckert sobre o exercício de uma “etnografia da duração” afluem como referência metodológica para estudar a memória coletiva em situações nas quais a cidade configura como plano de fundo a instigar identidades e imagens narrativas, relatos, práticas e saberes.¹³ Nesta perspectiva, o olhar sobre o espaço urbano compreende que

[...] o trabalho do antropólogo, na produção de uma etnografia da duração, tem por desafio acompanhar os deslocamentos (nos espaços vividos, nos tempos lembrados etc.) dos habitantes [...] aos confins das experiências [...] vividas, que ultrapassam até mesmo suas referências históricas e geográficas mais ontológicas, mais concretas e palpáveis (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 22).

Esse exercício de pensar a memória como uma identidade narrada e produto de trajetórias que não se tecem na linearidade põe em relevo o tema da migração. Neste sentido, importa destacar que o sonho de Benony era morar em Belém, capital do Pará, mas seu desejo foi interrompido pela ordem paterna, que era incontestável, à semelhança da relação moral estabelecida entre seu avô e seu pai.

Nesse referente empírico, o fenômeno em discussão mantém relação com a categoria família, assertiva corroborada por Fausto Brito (2009), inspirado em Eunice Durhan (1984), ao observar que a migração é predominantemente familiar e definitiva.¹⁴ Para Durhan (*Idem*), o indivíduo

¹³ O instrumental metodológico proposto por Ana Luiza C. da Rocha e Cornelia Eckert (2013) em referência à etnografia da duração remete a outros aportes epistêmicos, notadamente no campo do estudo das memórias: Gaston Bachelard (1988); Henri Bergson (1990); Gilbert Durand (1980; 1988); Michael Pollak (1989); Eclea Bosi (1994); Maurice Halbwachs (1990); Jacques Le Goff (1990).

¹⁴ Não se pretende aqui propor uma noção generalizante de que a migração estaria, em toda e qualquer circunstância, determinada pelo pertencimento familiar. No contexto de uma sociedade mundializada, onde os movimentos de fluxo de pessoas descentram o olhar do fenômeno da fixidez e onde o relacionamento entre gerações não necessariamente se determina

não migra sozinho; nesse deslocamento, normalmente está associado à família ou articulado dentro de uma rede de interações sociais que facilita a sua integração na região urbana. A autora ainda acrescenta que a migração é mais do que necessária do ponto de vista da modernização da sociedade e que o deslocamento humano é parte da cultura brasileira, como caminho para a mobilidade social do indivíduo; de maneira que não é resultante somente da racionalidade econômica na decisão de migrar, mas produto da racionalidade social enraizada na própria cultura brasileira.

O rapaz atendeu a ordem do pai e viajou para Macapá. Em julho de 1945, Benony chegava a Macapá e seus anseios por urbanidade logo captaram a imagem ainda interiorana da cidade:

[...] o lugar era atrasado, tudo parecia difícil, a essas alturas Macapá não possuía água encanada e a população da cidade consumia água de três poços: São José, Abileiro e Samba-ri-ri. Este último ficava por trás do Museu Joaquim Caetano da Silva, o qual, na época, funcionava como prédio da prefeitura municipal e o palácio do governo.

O emprego de serviçal na construção da escola Barão do Rio Branco, que seu pai lhe conseguiu, foi logo recusado por ele, pois consistia em encher dois tambores de água de duzentos litros, todos os dias, pela manhã e na parte da tarde. A água era retirada do rio Amazonas para o local da edificação, num trajeto de mil metros de distância, com várias idas e voltas com latões de 20 litros. Cabe aqui ressaltar que em Macapá não existia água encanada, só poços para as necessidades humanas. Segundo o jovem, parecia-lhe um insulto: “eu que trazia do interior o ódio por tais trabalhos, o de lidar com água e remar, desisti antes de assumir”.

Benony, em referência a seu tempo de juventude, evoca para si a imagem de um rapaz destemido. Na mesma escola em construção, Barão do Rio Branco – a primeira edificação escolar construída por Janary Nunes, ele

pela autoridade familiar, torna-se comum o desejo de migrar como força que mobiliza projetos individuais. Acrescente-se a isso, a intensificação, na cena recente, dos fluxos migratórios que põem em curso massas de refugiados de guerras e conflitos diversos, constituindo um fenômeno que, em inúmeras situações, configura-se como um esgarçamento do tecido familiar.

procurou um mestre de obras de nome Paraíba, e com ele conseguiu trabalho como ajudante de pedreiro. O mestre, a princípio, duvidou de sua capacidade pelo fato de ser muito novo e de não possuir experiência. Mesmo assim, foi aceito na obra e começou sua vida como trabalhador urbano aos 18 anos, ganhando quinze mil cruzeiros, subindo e descendo escada, levando tijolos para os pedreiros. Benony reconhece que era um trabalho pesado, “mas era ainda bem melhor do que aqueles que eu executava no Afuá”. O rapaz não demorou a galgar melhores condições de trabalho. Passou a ajudante de marceneiro (profissão que possuía) e ganhava vinte um mil cruzeiros por mês. Especializou-se em raspagem de piso de madeira e passou a ganhar noventa mil cruzeiros por dia. Benony relata que “esse momento histórico foi bastante propício para quem tinha profissão em Macapá, foi um período áureo para se conseguir trabalho e ganhar bem”, compreendendo que nessa circunstância o governador Janary Nunes tinha pressa na execução das obras.

Na cidade de Macapá, não estavam sendo construídos apenas prédios públicos (escolas, postos de saúde e hospitais), mas também conjuntos residenciais para os funcionários do alto escalão, os diretores e secretários dos órgãos públicos administrativos. O conjunto de casas para moradia dos professores foi feito de madeira, com as paredes internas revestidas por outra camada de tábua e cobertas de telhas. O atendimento segundo as escalas sociais ficava bem explícito, pois as casas dos médicos e outros indivíduos que faziam parte do secretariado do Território eram panejadas por arquiteto e engenheiros, além de construídas com alvenaria, telhas e serem muradas e jardinadas pelo Instituto de Pensões e Assistência dos Servidores do Estado – IPASE.

Benony, sem demora, mandou buscar seu irmão em Belém, que vivia ganhando pouco com a entrega de pães. Quando o irmão chega, logo começa a trabalhar também. O entrevistado declarou: “nossa vida melhorava a passos largos, pão, carne e outras coisas a mais, que não existia no interior passaram a fazer parte do nosso dia a dia. Nossa Canaã havia chegado”. Posteriormente, apresentou-se para o serviço militar no então criado Tiro de Guerra em

Macapá, e recebeu sua carteira de reservista de 2ª Categoria. Todavia, alega que, no ano de 1948, uma ousadia sua lhe valeu reconhecimento de heroísmo, repercutindo por toda a cidade: a derrubada de quatro torres de madeira (duas de quarenta metros e duas de trinta) que sustentavam as instalações de Transmissão da Companhia Aérea Cruzeiro do Sul, empresa que fazia voos para Macapá.

Ele revelou ter recebido a ordem de funcionários do Território para derrubar as referidas torres, que estavam por cair sobre várias casas. Como um bom marceneiro que dizia ser, deu conta da tarefa em vinte e um dias, sem expor os moradores do entorno a perigo e salvando a si mesmo também. Essa capacidade engenhosa de Benony elevou seu mérito, sendo promovido a carpinteiro de primeira classe e tendo seu salário acrescido.

Na escola um acontecimento deixou Benony muito transtornado. Foi acusado de ‘colar’ na realização das provas. Segundo o interlocutor, “foi uma acusação injusta” e faltando-lhe a paciência, saiu da sala de aula falando palavras que não devia. Foi expulso por quinze dias e perdeu seu emprego, que para ele era muito bom. Sem ter outra saída, retornou a Belém. Continuou estudando, mas vivendo sempre no aperto, visto que seu salário de marceneiro era apenas o suficiente para pagar o aluguel do quarto em que morava, a comida e a escola onde estudava. Passou por vários contratempos, perdeu de fazer suas provas finais de conclusão do Ginásio por estar em débito com o colégio. Posteriormente, realizou trabalho extra e quitou a dívida, fez suas provas e passou para o primeiro ano do ensino científico. Apesar de ser operário da construção civil, Benony manteve um ciclo de amizades que o permitiu aproximação e participação em reuniões de partidos políticos, como o Partido Social Democrático (PSD), do General Magalhães Barata, e do Grêmio Cultural Recreativo Brasil, que funcionava à Rua Presidente Vargas (Belém – PA). Esteve também vinculado ao Partido Integralista Brasileiro, do orador Plínio Salgado, nos altos da Café Carioca, em Belém, como ressalta:

No Grêmio eu era o único operário que integrava ao grupo, os demais eram todos formados: Bonifácio Serra – advogado; Virgílio Lobonate – agrônomo; Rafael Ruper – advogado; Luiz Moura – bancário; Carlos Moura – bancário; Armando Carneiro – empresário; Hector – hoje é juiz de direito e outros que não me vêm à memória.

Certo dia, Benony foi convidado por um primo para ir ao Rio de Janeiro. Como já estava no primeiro grau do ensino científico, tinha certeza que conseguiria um bom emprego e realizaria seu sonho de ser advogado. Resolveu, então, ir a Macapá para se despedir dos pais, mas ao chegar à cidade os encontrou morando em outro bairro, de melhor estrutura social, em uma casa nova e dispondo de boa alimentação. Ele recuou em sua decisão e ficou em Macapá, mas, sua interpretação realizada a partir do presente soou como mágoa de si mesmo, pois acreditava ter jogado fora mais uma vez a oportunidade de ser um homem formado em Direito. O narrador fala como se tivesse a certeza de que sua ida para o Sudeste seria bastante proveitosa, com caminhos favoráveis aos seus planos.

Permaneceu em Macapá como marceneiro e estudante. Em 1955, junto a alguns amigos, adentrou para a política estudantil com a intenção de que o governo trouxesse para Macapá uma universidade, para atender às necessidades dos jovens do Território Federal do Amapá, pois a política de oferta de bolsa para realização dos estudos em Belém tinha por base a amizade, o atendimento a uma clientela. Os estudantes aproveitaram o ensejo da eleição para o Grêmio Estudantil Rui Barbosa, do Colégio Barão do Rio Branco, e se colocaram em defesa de José Maria da Cunha, em oposição à reeleição de Edilson Borges de Oliveira, que representava a situação. O estudante Edilson estava na presidência do Grêmio e representava seu interesse por uma bolsa de estudo, estando, portanto, fiel aos interesses do gestor territorial, motivo pelo qual ignorava qualquer defesa ou interesse de levantar bandeira em favor do ensino superior na cidade, muito menos de defender a continuidade dos estudos para os alunos que não tinham condições de se deslocarem para cursar universidade na capital do Pará, Belém.

Na narrativa, Benony reforça: “Foi aí que eu, com Jackson Alencar, Ulisses, José Maria da Cunha e meu irmão Samuel, levantamos em oposição a Edson, e nosso protesto fazia alusão no que se referia à criação da faculdade do Amapá”. Essa bandeira de luta não se restringia simplesmente aos estudantes. Fazia parte do desejo da classe mais letrada de migrantes, que chegaram à cidade e sentiam a necessidade desse serviço para a garantia do desenvolvimento cultural urbano do Território, como jornalistas, padres, professores, aliados e defensores do conhecimento acadêmico, que se puseram também a defender a implantação do ensino superior. Tal proposta chegou a ser assunto crítico nos jornais da igreja *A Voz Católica* e a *Folha do Povo*, os quais levaram a público os anseios da cidade por educação superior mediando interesses da sociedade e do Território.

A cidade de Macapá já atingia certo grau de urbanidade, mas a ausência do ensino acadêmico limitava os sonhos dos jovens de baixo poder aquisitivo pela continuidade dos estudos, posto que apenas um pequeno e seletivo grupo tivesse condição de deslocar-se da capital do Território para Belém. As dificuldades para a conquista do ensino universitário não eram poucas, uma vez que a região era praticamente ilhada, havendo apenas duas vias de saída: a via aérea, percurso com tempo de 1 hora de viagem Macapá – Belém, e por via fluvial, na qual a viagem para a capital do Pará durava 24 horas nas águas do rio Amazonas. Financeiramente, era impossível para um jovem sem recursos chegar à academia se de antemão não ganhasse uma bolsa de estudos ou não fosse apadrinhado por uma família que o sustentasse em Belém. A crítica elaborada pelo jornal *A Voz Católica*, mencionava que a bolsa de estudos era um paliativo, uma conquista social injusta, visto que só atendia a um número reduzido de alunos, ficando a maioria impossibilitada de ter acesso à educação superior.

A bandeira de luta por uma universidade na cidade de Macapá foi levantada pioneiramente pelo jovem Benony e alguns amigos, mas posteriormente recrudescer como um desejo de toda a sociedade macapaense;

fato que ficou registrado em várias edições do já mencionado jornal *A Voz Católica*. A necessidade urgente por uma instituição de ensino superior enquanto aporte de formação cultural para os jovens da cidade era uma reivindicação que já recebia apoio, inclusive, dos padres, que percebiam nesse empreendimento um meio de construir uma sociedade culturalmente crítica e de múltiplos saberes. Benony retrata a falta de interesse da parte dos poderes públicos, dizendo:

Solicitações anteriores foram tolhidas pelo oficial do gabinete do governador. Macapá havia crescido muito e mudado bastante, porém, já existia uma política ambiciosa, coordenada pelo oficial do gabinete, já falecido, no sentido de preservar a permanência dos interesses do governador Janary Nunes, ao ponto de ser tolhida a criação da faculdade do Amapá [...].

Essa bandeira de luta foi resultado de desejos e de outras experiências de Benony, adquiridas em uma sociedade mais complexa, na qual o controle do exercício político não era tão fácil. Quando estudava e trabalhava em Belém, como já foi dito, passou pela experiência de fazer parte de partido político e de ser membro do Grêmio Cultural Recreativo do Brasil. Tal experiência o levou a ser oposição ao presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Amapaense em Macapá e, posteriormente, a apoiar a chapa presidencial de oposição no Grêmio Estudantil Macapaense, no ano de 1955. As experiências entrecruzadas de Benony pelas várias instituições de que participou, conduziram-no a um campo de luta importante para sua pessoa e também para a construção da vida social de Macapá, mesmo não sendo reconhecida por toda a sociedade local, principalmente pela administração pública territorial.

É possível observar na trajetória de vida de Benony Ferreira que as fronteiras entre campo (ambiente das primeiras experiências de Benony) e cidade não são fixas, mas moventes. Na verdade, são produtos da mobilidade, como compreende Marc Augé (2010), e das relações entre sujeitos de ambos os espaços de produção social da existência. São encontros que modificam o tecido social desses ambientes, pois seus praticantes, ao incorporarem novos comportamentos e aprendizados, os levam consigo e disseminam esses valores

culturais apreendidos. Como sujeitos em fluxo, que se deslocam, eles vão transformando as fronteiras, quase sempre pensadas como fixas, em fronteiras moventes.

A mobilidade do jovem Benony, de ribeirinho para a capital do estado do Pará, de lá para a cidade de Macapá, constitui uma trajetória marcada por implicações e efeitos em ambos os espaços transitados, mesmo que tais efeitos sejam específicos para cada ambiente envolvido. Se em Belém o operário elaborou nova mentalidade em suas relações sociais ao participar do Grêmio Cultural de postura integralista, essa mesma experiência motivou Benony a ser um sujeito a favor da ampliação da cultura de educação superior na cidade de Macapá, a partir da exigência de implantação de uma universidade, pensando no acesso aos equipamentos sociais como direito dos jovens menos abastados da cidade. Sua atuação política ficou marcada em uma determinada temporalidade e suas práticas o fizeram um homem preocupado com as condições de urbanidade de seu tempo.

Na trajetória de Benony Lima, observa-se uma grande contribuição cultural não só manifestada por ele, mas por diversos sujeitos da sociedade macapaense. Era uma rede de desejos sendo evocados através dos estudantes macapaenses no final da década de 1950. É importante enfatizar que essa exigência por uma educação superior foi compartilhada pelo jornal *A Voz Católica*, periódico da igreja local, que se posicionou pela importância da elevação cultural dos jovens e do desenvolvimento da sociedade. Desta feita, os ensaístas do referido jornal reclamavam que a não implantação do ensino superior em Macapá era “falta de interesse do governo”¹⁵.

Benony foi demitido sem demora, após o diretor da Escola Barão do Rio Branco ter comunicado ao governo sua postura de oposição ao Grêmio Estudantil quando, ao mesmo tempo, ele era aluno e trabalhava como marceneiro na instituição. A demissão foi imediata, por sua ação subversiva

¹⁵ *A Voz Católica*, 12 de novembro de 1961. Ano III, nº 107, p. 3.

aos interesses do governo do Território. Indignado, Benony faz campanha contra o candidato a presidente do governador Janary e assim, narra: “fazer oposição ao governo, precisava de muita coragem, eu tive”.

Ele esclarece que resolveu fazer política contrária aos interesses do governador justamente na campanha para Presidente da República, que ocorreu no mesmo ano da eleição para o Grêmio. Naquela época, se enfrentavam na arena política nacional os candidatos Adhemar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP) de São Paulo; Juarez Távora, da União Democrática Nacional (UDN) do Ceará; e Juscelino Kubitscheck, do Partido Social Democrático (PSD) de Minas Gerais. Após sua demissão, partiu de “uma vez para a oposição, desta vez contra o governo [Janary Nunes], a minha sorte estava selada, nada mais havia para mim”. Apesar de não ter muita força política, Benony e mais quatro jovens iniciaram uma campanha em favor do candidato populista Adhemar de Barros.

Benony não deixa de expressar em suas práticas políticas a ação de um personagem urbano em favor da cidade. Este ponto da narrativa remete à reflexão elaborada por Carlos Fortuna (2009, p. 86), quando destaca que o interesse que move o ocupante cidadão em relação à urbe “não é mais apenas o direito a ascender e a instalar-se nela, mas a garantia de poder usufruir dos equipamentos, serviços e direitos que a cidade oferece, designadamente, a condição de cidadania política e cultural”.

A presença de Benony no universo da política, como atuante na oposição ao governo e como alvo da perseguição deste remete a discussão que aqui se tece a importantes referências do campo da Sociologia e da Antropologia Política, que podem auxiliar na compreensão do contexto de mandonismo e reprodução de valores e práticas do coronelismo, como forma de poder que, não obstante não tivesse mais uma presença oficial no sistema de governo, ainda respingava fortemente seus traços sobre as relações políticas na sociedade brasileira naqueles anos 1940-50 e por décadas seguintes, associado também ao clientelismo, sendo bases de forte sustentação da trajetória política

de Janary Nunes no Amapá e, especificamente, na capital do TFA, a cidade de Macapá.

Este assunto remete a obras consideradas clássicas, como *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*, de Victor Nunes Leal (1948), e *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, de Raimundo Faoro (1958), que permanecem lançando luzes para a compreensão de relações de poder em diferentes regiões do Brasil, não obstante as especificidades de cada contexto. Encontram-se também aportes fecundos em referências mais recentes, a exemplo das reflexões tecidas por Moacir Palmeira e Beatriz Heredia, pesquisadores que empreenderam trabalho etnográfico em comunidades de colonos gaúchos e sitiantes do sertão pernambucano, observando práticas que associam categorias como voto, interesses materiais e relações políticas, tomadas como referentes analíticos para o ensaio intitulado *Os Comícios e As Políticas de Facções* (1995).¹⁶

A oposição de Benony e seus aliados nas eleições para o Grêmio estudantil e no que se refere a alianças formadas em torno do governador Janary e de candidaturas com as quais ele fez aliança mobilizou, da parte deste e de seus apoios políticos, reações de controle, perseguição e cerceamento de acesso a empregos. Assim, o grupo político instituído agia contra forças instituintes, manipulando relações, interesses e trocas que eram oportunas no esforço de sustentar a hegemonia de seu projeto para o Amapá, configurando um poder também legitimado como poder simbólico¹⁷, ancorado em seu discurso e nos investimentos em prol da modernização do Território,

¹⁶ É importante notar que a exploração do assunto em foco não se esgota com a alusão às obras citadas, havendo diversas contribuições de peso no campo da Sociologia e Antropologia da Política, não menos importantes que estas. Dado o espaço disponível para a escrita deste artigo, não seria possível ampliar aqui a chamada de referências.

¹⁷ O conceito de poder simbólico é apropriado aqui da obra Pierre Bourdieu (1994), entendido como um poder que se exerce com propriedades simbólicas, não condicionadas ao exercício da força física, mas não necessariamente independentes desta, capazes de agir como suporte atrativo e legitimador, fomentando adesão, pertencimento e persuasão. Tal poder atua, no entanto, de modo tácito, produzindo e reproduzindo sentimentos duradouros em relação a pessoas, lideranças, sistemas de crenças e posições sociais.

revestindo o ideal de desenvolvimento com a força simbólica de uma ‘mística do Amapá’; ambiente de riquezas e promessa, a receber a sua intervenção ‘heroica’.

O imaginário mítico do poder fica implícito nesse quadro histórico e político do Amapá também quando se tenta compreender o cenário da cidade de Macapá à época aqui estudada, no que concerne aos jogos de interesses que mobilizavam governo e aliados contra seus opositores e estes contra aqueles. Não por acaso, esse quadro evoca o raciocínio de Raoul Girardet (1987) em sua caracterização de constelações mitológicas do poder que, não obstante originalmente contextualizadas no cenário europeu, lançam luzes para a leitura de situações políticas em outros ambientes.

A imagem do ‘herói’ zelador da ‘mística do Amapá’ atrai para si o *mito da salvação*, desenhando a figura de um ser potente, empreendedor, capaz de fazer o Território transpor a condição do atraso, como portador de um tempo novo, materializando, naquele tempo, o *mito da idade de ouro*. Contra os que criticassem ou se opusessem a esse empreendimento que, como já fora descrito, concretizou-se via processos de higienização social e acirramento de desigualdades sociais, a ação revestia-se da força simbólica do *mito do complô* ou *conspiração*, que por sua vez, atrai o *mito da unidade*; legitimação para fazer crer que aplicar toda a força contra a oposição se justificaria, em defesa de uma suposta união a fomentar o progresso do Território Federal do Amapá e de sua capital, a cidade de Macapá.

Como o *mito da unidade* não se projetava com força capaz de homogeneizar consciências e sentimentos, a oposição, apesar de seu poder frágil e pouco aparamentado – em seu movimento para chegar ao poder no grêmio estudantil, na articulação com jornais que denunciavam o quadro de uma cidade que se modernizava para as elites deixando à margem a pobreza de seus arrabaldes e na articulação em partido político contrário ao governo –, também acionava, assim como o fazia o poder hegemônico, o esforço de atrair para a si mais adesões. Punha-se em cena, como diria Clifford Geertz (1989:

206-222), uma “política do significado”, entendida como disputa pela elaboração e significação da realidade. Todavia, como se verá mais adiante, nem sempre uma oposição é definitiva. Pode arrefecer, em função de determinadas circunstâncias.

Naquele contexto, a atitude oposicionista de Benony emergiu porque ele sabia que não tinha mais vez em Macapá, onde todo emprego dependia do governo; porém, não imaginava que a perseguição política iria extrapolar o espaço público e adentrar ao privado. Benony conseguiu um emprego com um empreiteiro que estava construindo um depósito de material de construção, na baixada do Elesbão, hoje bairro Santa Inês, mas assim que o governador tomou conhecimento, ordenou ao construtor que o funcionário deveria ser demitido. O estudante/trabalhador só via uma saída para sua situação: ir para o Rio de Janeiro, pois estando fechadas as portas para Benony no direito de produzir a cidade e de ser produzido por ela, o jovem planejou sair de Macapá e ir para o Sudeste em busca de trabalho.

A decisão do governador Janary era uma ordem na cidade e deveria ser cumprida. Benony estava de malas prontas para viajar com destino ao Rio de Janeiro, pois, de fato, parecia que todas as marés estavam em baixa para ele naquele lugar, impedindo-o de ali permanecer. O fato se inverte a partir de uma curta conversa com seu primo Jorge, com o qual, por coincidência, se encontrou. Seu primo revelou nesse encontro que recebeu um convite para trabalhar como escriturário na Indústria e Comércio de Minérios de Ferro e Manganês – ICOMI, mas não aceitou porque já trabalhava no governo e o aconselhou a tentar conseguir essa vaga na empresa. Tudo ocorreu de forma positiva e Benony conseguiu o emprego. Como agia com muita responsabilidade em seus compromissos, logo foi promovido e passou a ganhar bem. Com a eleição presidencial favorável ao candidato Juscelino Kubitschek, a estrutura política da cidade de Macapá mudou. O presidente Juscelino, ao assumir o poder, nomeou o governador Janary Nunes para a presidência da Petrobras e, dessa forma, o trabalhador ficou livre das perseguições por muito

tempo. Benony lembra que, alguns anos depois, Janary esteve em visita à empresa ICOMI e, ao entrar na sala onde ele trabalhava, olhou-o com ar de surpresa. Naquele momento, Benony pensou que o político Janary fosse intervir junto à diretoria da empresa e pedir sua saída do cargo, mas, conforme sua narrativa, vários dias se passaram e nada aconteceu.

Benony já estava mais maduro, já havia casado. Passou então a investir e ampliar seus bens construindo várias casas para ganhar com os aluguéis. Segundo o interlocutor, possuiu mais de vinte casas de madeira, as quais foram vendidas posteriormente. Com o decorrer do tempo, se tornou funcionário do Território Federal do Amapá, tendo que, para isso, apoiar a candidatura de Janary Nunes a Deputado Federal. A ação de prática oposicionista foi rompida para se configurar em prática aliada e a serviço do governo.

Sua trajetória foi percorrida com algumas dificuldades, segundo sua narrativa, devido às divergências entre interesses pessoais e políticos, entre um grupo e outro de dirigentes em uma cidade pequena. Independentemente dos caminhos trilhados pelo interlocutor, sua presença na cidade de Macapá foi perpassada por uma prática atuante, melhor dizendo: uma ação política que foi além do desejo individual, tornando-se um apelo coletivo, à medida que seus anseios tiveram consonância nos jornais locais, tornando-se mais atento à construção de uma sociedade, a partir do acesso ao conhecimento como desenvolvimento cultural.

Pensando o trajeto de Benony, observa-se como natural que a migração ocorria quase sempre objetivando a procura por melhores condições de vida, tendo em vista que o trabalho foi o principal fator motivador para o êxodo. Entretanto, nem sempre essas migrações são provocadas por causas materiais. A necessidade e o desejo não se limitam a fatores econômicos. São perpassados também por valores religiosos, psicológicos, morais, amorosos. O medo, o correr risco, é uma dessas emoções.

Num trecho desse percurso – como já foi assinalado aqui –, sabendo que não tinha a mínima condição de permanecer em Macapá, Benony, pensa em voltar para Belém ou ir para o Rio de Janeiro, pois seu sonho era se tornar advogado, porém, um convite interromperia de vez seu desejo de formar-se em um curso superior. O jovem Benony é convidado para trabalhar na contabilidade da empresa de manganês ICOMI – indústria de capital estrangeiro implantada no seio da floresta, em Serra do Navio, à época pertencente ao município de Macapá. Ficou satisfeito pela conquista social que alcançou, especialmente em relação à qualidade do trabalho, visto que deixava a labuta de fazer e polir assoalho de madeira para exercer o ofício de escriturário, menos penoso, como assim relata: “A minha vida mudou para melhor, substituí o martelo e o serrote pela caneta, deixava de ser um operário para ser um escriturário. [...] Na ICOMI, possuía bom salário, veja que em quatro anos fiz quatro casas de madeira e uma de alvenaria inacabada”.

Várias vezes mencionou que sua vida mudara para melhor. Depois de sair da ICOMI, tornou-se funcionário federal, ocupou vários cargos de importância, pela responsabilidade com que gerenciava a função que lhe era atribuída, tanto no governo do Território como no governo do município. Após aposentadoria compulsória, Benony quis realizar seu sonho de morar na capital do estado do Pará. Mudou-se para Belém, mas permaneceu pouco tempo, pois a cidade então já não era a mesma; era muito agitada e não correspondia aos seus desejos de um lugar mais pacífico, mais tranquilo no seu cotidiano. Recorda Benony: “impressionante, um dos maiores sonhos de minha vida era terminar os meus dias em Belém, entretanto, com o passar do tempo, não me adaptei mais”.

Retornou definitivamente para a cidade de Macapá, diante da qual, em seu relato, manifesta um sentimento intenso, definindo-a como a “terra que mais amo, a ponto de fazer dela meu torrão natal”. Morou na cidade de Macapá até seus últimos dias. Seu único sonho que não se cumpriu foi o de se tornar advogado, porém viu nascer a Universidade Federal do Amapá para servir aos

estudantes, mesmo que não mais atendesse a ele e seus filhos, porém supriria as necessidades de continuação de estudos para seus netos.

Considerações finais

A pesquisa que embasa as reflexões tecidas neste artigo acessou outros interlocutores. Importa considerar que entre esses narradores, elementos específicos e pontos em comum foram identificados no conhecimento da trajetória que cada um percorreu na cidade de Macapá. Poderia ficar aqui uma pergunta: por que Benony e não outro sujeito social foi trazido a estas páginas para se pensar sobre as principais categorias aqui abordadas? Por que ele e não outros?

Como primeira justificativa, assinala-se aqui o limite de espaço destinado à escrita de um artigo. Dada a diversidade de categorias aqui tratadas, não seria possível referenciar e aprofundar diversas trajetórias. Em segundo lugar, a figura de Benony aporta a esta reflexão como um narrador emblemático, pioneiro na luta à qual se associaram outros sujeitos, em defesa da instalação de uma instituição de ensino superior em Macapá, movimento que lhe colocou em linhas de cruzamento com a política e outros agenciamentos, dando alguma visibilidade a outras facetas de uma cidade desigual, tornando visíveis distâncias que se alargavam entre a cidade das elites e a cidade dos arrabaldes empobrecidos.

Ademais, Benony, como contador de suas idas e vindas ao cais de Macapá, revestiu-se com muita propriedade da imagem viva do narrador, a retratar personagens que, como ensina Walter Benjamin, o mundo da técnica e da reprodutibilidade põe em vias de desaparecimento. Escutar e ler a fala transcrita de Benony e dos demais narradores, ouvidos ou lidos através de autobiografias acessadas na pesquisa – dentre eles, Zaide da Silva, Alfredo Gonsalves, Leonel Nascimento e Deusolina Farias –, foi assim um exercício de compreensão da narrativa como “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1996, p. 205).

No percurso da pesquisa que fez chegar aos resultados dos quais aqui se traz uma amostra sintetizada nestas breves páginas, ficou um enorme aprendizado, sobretudo do contato com interlocutores e autobiografias que permitiram imprimir intensidade à premissa de que a narrativa “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório”, mas como movimento que “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (*Idem, ibidem*).

Assim, a construção da imagem da cidade de Macapá fica aqui entendida com referência a contextos distintos, nos quais vários processos de migração entrecruzam-se. Porém, foi nas circunstâncias de um processo de gentrificação, enquanto investimento administrativo para fins de modernização, que muitos de seus atores sociais, na condição de migrantes, emergiram também como produtores dessa cidade, apropriada como lugar de símbolos e práticas, como espaço em construção, ainda que, no mais das vezes, situados à margem da racionalidade planejada do poder público.

Ressalta-se, portanto, a necessidade de visibilizar e valorizar a pluralidade de práticas experimentadas no espaço urbano, problematizando a lógica que delega aos poderes públicos a tarefa de consagrar as versões sobre a constituição e organização do espaço; lógica que implica relegar e tratar as práticas populares como de segunda categoria ou com pouco potencial de informação aos pesquisadores, muitas vezes negando-lhes atenção quando se trata de pesquisa sobre a cidade. A trajetória de Benony Ferreira Lima, construída como expressão de uma intersubjetividade, mostra sujeitos plurais em cena, na feitura da vida social da cidade de Macapá, implicando na produção de uma sociedade culturalmente híbrida.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.
- BACHELARD, Gastón. *A Dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BARBOSA, Coaracy Sobreira. *Personagens Ilustres do Amapá*. Amapá: Departamento de Imprensa Oficial. V. I, 1997.
- _____. *Personagens Ilustres do Amapá*. Amapá: Departamento de Imprensa Oficial. V. II, 1998.
- BECKER, Olga Maria Schild. “Mobilidade Espacial da População: conceitos, tipologia, contextos”. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César (Orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Pp. 319-367.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica – Arte e política*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOLSA de estudo. *A Voz Católica*, 12 de novembro de 1961. Ano III, nº 107, p. 3.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1994.
- _____. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Pp. 183-192.
- BRITO, Fausto. *As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Vol. 1: Artes de fazer. 19ª ed. [Tradução de Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano*. Vol. 2: Morar, cozinhar. 5ª ed. [Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1980.
- _____. *A Imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre: Globo Editora, 1958.

FORTUNA, Carlos. "Cidade e Urbanidade". In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Ed. Almedina, 2009. Pp. 83-97.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.

KOFES, Suely. "Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser". In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela (Orgs.). *Vidas e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015. Pp. 20-39.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. Rio de Janeiro: Edição Revista Forense, 1948.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LEITE, Rogério Proença. *Contrausos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002a.

_____. "Contrausos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na mangue-town". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, junho de 2002b.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir*. *Estudos Avançados* 16 (45), 2002.

LUNA, Verônica Xavier. *Um cais que abriga histórias de vida: homens e máquinas construindo o social na cidade de Macapá (1943-1970)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2017.

MARTINS, Benedito Rostan Costa. *Marabaixo, ladrão, gengibirra e rádio: traduções de linguagens e o rádio regional*.

Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MATTOS NETO, Cel. Bernardino C. de Bandeirantismo da Amazônia. In: Janary Gentil Nunes. *Confiança no Amapá: Impressões sobre o Território*. Brasília. 2. ed. Editora do Senado Federal, 2012.

MIRANDA, Antônio (Padre). *Padre Júlio Maria: sua história e sua missão*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1957.

MONT'ALVERNE. Aracy. *Luzes da Madrugada*. Macapá: Secretaria de Educação e Cultura do Território Federal do Amapá – Departamento de Ação complementar, 1986.

NODA, Sandra do N. *et alii*. “Utilização e Apropriação das Terras por Agricultura Familiar Amazonense de Várzeas”. In: DIEGUES, Antonio Carlos; e MOREIRA, André de C. *Espaços e recursos naturais de uso comum*. São Paulo: NUPAUB/USP, 2001.

NUNES, Janary Gentil. *Relatório das Atividades do Governo do Território Federal do Amapá, em 1944*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

_____. *Confiança no Amapá: impressões sobre o Território*. 2ª. ed. Brasília: Editora do Senado Federal, 2012.

PALMEIRA, Moacir & HEREDIA, Beatriz. “Os Comícios e as políticas de facções”. In: *Anuário Antropológico, n. 94*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*. 3, Memória, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

SMITH, Neil. “A Gentrificação Generalizada”. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Org.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 1996.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Palavras-**Chave:**

trajetória,
migração,
cidade,
gentrificação,
política

Resumo: Este artigo é um breve recorte da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, intitulada Um cais que abriga histórias de vida: homens e máquinas construindo o social na cidade de Macapá (1943-1970). O tema central do artigo trata da trajetória de um migrante que entrecruza campo e cidade, com destaque para suas ações políticas no decurso da gentrificação de áreas do espaço urbano de Macapá. Ocupa-se, portanto, em interface com a História e a Sociologia, da narrativa de uma trajetória construída a partir das ações de um ribeirinho em seu cais (lugar), depois deslocada para o cais da cidade de Macapá. Toma-se por referente o deslocamento do migrante como caminho de ressocialização no percurso de sua trajetória na cidade de Macapá. A pesquisa desenvolveu-se em torno de três eixos principais de análise: trajetória de deslocamento campo-cidade, projeto de gentrificação urbana de Macapá e trajetória política e profissional do ribeirinho. Os resultados apontam para a compreensão de que a cidade é uma virtualidade sempre se fazendo e refazendo, portanto, construído de sujeitos singulares e plurais em ação.

Keywords:

trajectory,
migration,
city,
gentrification,
policy.

ABSTRACT: This article is a brief cut of the doctoral thesis defended in the Postgraduate Program in Sociology of the Federal University of Ceará (UFC) entitled A quay that shelters life stories: men and machines building social in the city of Macapá (1943-1970). The central theme of the article is the trajectory of a migrant that crosses the countryside and city, with emphasis on his political actions during the gentrification of areas of the urban space of Macapá. It occupies, therefore, in interface with History and Sociology, of the narrative of a trajectory constructed from the actions of a riverbank in its quay (place), later displaced to the pier of the city of Macapá. The displacement of the migrant as a path of resocialization in the course of his trajectory in the city of Macapá is taken as referent. The research was developed around three main axes of analysis: trajectory of field-city displacement, urban gentrification project of Macapá and political and professional trajectory of the riverine. The results point to the understanding that the city is a virtuality always being made and reworking, therefore, construct of singular and plural subjects in action.

Recebido para publicação abril/2017

Aceito para publicação em julho/2017